

Para Shultz, “vida fácil” endividou a América do Sul.

O secretário de Estado dos EUA, George Shultz, responsabilizou ontem os países sul-americanos pelo seu endividamento externo, que, segundo ele, é resultado “de um período de vida muito fácil”, acrescentando que agora devem ser “enfrentadas” as duras consequências. Para Shultz isso tem sido feito “com certo êxito”. Por outro lado, fontes do Departamento de Estado informaram que os Estados Unidos acompanharão com interesse a Conferência de Cartagena sobre a dívida externa latino-americana, mas dificilmente se afastarão de sua posição favorável a que o problema seja resolvido país por país.

Respondendo aos pedidos de ajuda feitos ontem pelos novos embaixadores do Peru, Venezuela e Chile nos Estados Unidos, o presidente Ronald Reagan afirmou que seu governo está “cada vez mais sensibilizado pelo grave problema da dívida da América Latina”, ressaltando que esta questão foi amplamente debatida na conferência econômica das sete potências mais industrializadas do mundo em Londres.

“Chegamos à conclusão que já se fez muito progresso e que nosso enfoque do problema da dívida externa pode e deve ser fortalecido. Os Estados Unidos e nossos aliados na conferência se comprometeram a manter e até aumentar o fluxo de recursos, incluindo assistência oficial ao desenvolvimento”, declarou Reagan aos embaixadores.

O Departamento de Estado afirmou ainda que não encara a reunião a ser iniciada na próxima quinta-feira em Cartagena como “a gênese de um cartel de devedores” e declarou-se confiante de que o objetivo dos países

participantes é o de harmonizar seus pontos de vista “sobre a natureza do problema e possíveis enfoques para resolvê-lo”. Segundo a agência France Presse, também os países latinos-americanos descartaram uma negociação coletiva de suas dívidas, embora insistam na necessidade de que lhes seja permitido fazer frente às suas obrigações com menos sacrifícios e, em particular, com uma redução dos custos financeiros, prazos mais dilatados de pagamento e uma maior abertura dos mercados para suas exportações.

Além disso, cada vez mais os países latino-americanos procuram chamar a atenção dos credores que o problema “não é apenas um assunto econômico como querem os técnicos do FMI” — mas adquire dimensões que “põem em perigo a própria democracia”, segundo expressou a Reagan em Washington o embaixador peruano Luis Marchand.

Seja qual for o resultado, a reunião de Cartagena terá influência sobre a delicada posição argentina diante dos bancos credores e do FMI. Após o envio de uma carta de intenção unilateral ao Fundo, o país sofreu uma primeira represália do Tesouro norte-americano, que suspendeu a garantia que dava ao empréstimo de 300 milhões de dólares conseguido junto a quatro países latino-americanos (entre eles, o Brasil) e que vence no próximo dia 28. Dois dias depois, vence mais uma parcela de 450 a 500 milhões de dólares de juros de sua dívida com os bancos internacionais, que terão de colocar essas prestações argentinas na conta dos prejuízos. Mas os contatos entre a Argentina e os bancos não se interromperam.